

MODALIDADES E MODULAÇÕES DOS SERES EM BACHELARD

Maria do Carmo TAVARES DE MIRANDA

UFPE

RESUMO

A partir de uma visão articulada entre ciência e filosofia, entre a razão e a imaginação - obra que foi a de Gaston Bachelard - para a compreensão dinâmica da realidade, nosso objetivo foi o de estabelecer uma síntese de seu pensamento. E seu texto póstumo, *Fragments d'une Poétique du Feu* mereceu de nossa parte um destaque, porque tendo acolhido todos estes movimentos diz uma ontologia poética e uma ontologia ético-"poiética" do filósofo, que permanece como presença efetiva neste nosso tempo de tantos conhecimentos científicos e técnicos.

ABSTRACT

Envisageant établir une synthèse de l'oeuvre et de la pensée de Gaston Bachelard, nous avons choisi comme point de départ l'art d'articulation entre la science et la philosophie, entre la raison et l'imagination, qu'il a pratiqué pendant toute sa vie. Et son oeuvre posthume, *Fragments d'une Poétique du Feu* accueille créativement tous ces mouvements, en même temps qu'elle dit une ontologie poétique et une ontologie éthico- "poiétique" du

philosophe, lequel a devancé son temps pour être présent à notre temps, si plein de connaissances scientifiques et techniques.

Diante desta nossa civilização de imagens e de informações, de progressividade operatória e funcional das ciências reordenando o mundo, nada mais justo e mesmo necessário do que rever, segundo a expressão de Jean Hyppolite, a “filosofia da criatividade humana” de Gaston Bachelard que tanto diz a ciência quanto o imaginário. E os seus postulados de contínua retificação do conhecimento, sua disposição de estar sempre atento e aberto a novos horizontes visando complementaridades expressivas de fatos e de suas multivalências confirmam tanto o filósofo - professor de História e Filosofia das Ciências, de formação também matemática e físico-química, e sua trajetória de saber decifrar, expandir numa sábia arte combinatória elementos tanto materiais quanto anímicos, tentando captar os ritmos das coisas, possibilitando-se científica e tecnicamente a novas aproximações da realidade, enquanto pelo imaginário e pela filosofia tenta desvendar a intimidade e a intensidade das coisas e do homem. Neste sentido, sua obra revela uma unidade, que confirma cada vez mais seu caráter prospectivo e atual, mesmo porque situada em tensão permanente entre polos distintos, seu autor soube tecer liames harmônicos, inter e transdisciplinares entre esses campos polares, que tanto são o da cientificidade quanto da tecnicidade, os das ultrapassagens, das retificações e das negações, os das novas tensões entre razão, imagem e trans-razão num movimento que se amplia e se aprofunda continuamente, atento a uma realidade inesgotável, suscitadora de novas inquirições e pesquisas, mesmo porque essa realidade, apenas entrevista, age como força viva, energética, capaz de estabelecer uma transcendência do sujeito, possibilitando-o a viver o “invécu” (*Fragments d'une Poétique du Feu*. 1988. p. 117).

Um modo de ser dialógico o caracteriza em todos os seus momentos - filósofo, professor, escritor - e, a modo socrático, sua vida e sua obra falam da aventura da descoberta e da captação de idéias - forças e da matéria como verbo e comunhão participativa, animus e anima de uma mesma realidade. É uma razão inventiva e operativa que se articula não só logicamente, mas como um feixe

energético tece e reconstrói o mundo humano e dá oportunidade ao operador de direcioná-lo de múltiplos modos para a descoberta de elementos primordiais, primeiras configurações materiais de seu universo, as quais servirão como pontos de partida à fabulação do imaginário como matéria radiosa, numa como química da profundidade anímica, dinâmica, fecundante. Realiza-se, assim, a progressão de seu proceder científico e filosófico para captar a complexidade do real, estabelecendo liames entre o homem e a natureza, surpreendendo a emoção do inventariar fatos e as invenções de seres objetivos, revelando a face subjectivo-objetiva da realidade, indicando novos sentidos à vida. E toda sua obra diz seu saber-ver o mundo, saber-ver alongando-se em abrangências sonhadoras, como operações criativas ou de recriação continuada, capazes de estabelecerem, criarem, estruturas poéticas e poiéticas à vida.

Estas estruturas o distinguem de modo particular. Em oposição a uma dualidade e demarcações rígidas de campos subjectivo e objetivo, um inter-relacionamento vivido como necessidade epistemológica, captado em instantes descontínuos que permitem recorrências e reorganizações ao que já fora adquirido pelo conhecimento. Contra os dados imediatos e as evidências, impõe-se a reconstrução. Contra as antecipações, as invenções. Contra as verdades primeiras e comuns, a nova visão do homem no mundo e do mundo ao homem, uma “numenotecnia”, como diz Bachelard, indicando algo trabalhado, objetivado naturalmente. Estas as razões de sua teoria da criatividade humana ser uma filosofia poética, da razão e da imaginação, do ato, do verbo poético e poiético, criadora e inovadora de linguagem e de precisão, aberta a novos horizontes do ser. Um imaginar, o seu, não empírico mas voltado à transcendência, à busca do logos ou do sentido dos seres. Uma fenomenologia poética e poiética, descobrindo e redescobrimo emoções, ritmos, valores vividos e consentidos, desejos, aspirações, sublimações, transmutações sonhadas, científica, técnica e filosoficamente.

Partindo dos *Fragments d' une Poétique du Feu*, texto póstumo como já o fora *Le Droit de Rêver*, pode-se anotar a unidade de toda sua obra e rever os motivos e os procedimentos do mestre filósofo. Os *Fragments* falam profundo e dizem suas primeiras

hesitações. Retomam e multidimensionam as imagens, trazendo-as ao âmago da realidade e à intimidade e intensidade anímica, entrecruzando dinamicamente situações e circunstâncias vividas, procurando alcançar novos espaços de tempo e mesmo um não-tempo que digam poeticamente um “mais-ser e um “mais-que-humano”. Retrospectiva de sua trajetória, estes fragmentos não apenas revelam circunstancialidade e condicionamentos trazidos nesses anos finais de sua vida, mas sobretudo deixam refletir as decisões tomadas anteriormente e o curso de seu imaginário desde o campo cósmico ao campo antropológico e invocações transmutativas, nos quais ciência e filosofia trabalharam em conjunto. Uma, com o seu poder inovador de criar e recriar seres objetivos. A outra, com seu poder de especulação, olhar penetrante, captante dos reflexos das coisas e de algo mais - sempre doador e sempre oculto - apta a integrar num instante, todos estes reflexos oferecendo-os à meditação, e sendo também impulsionadora da própria razão ordenadora e objetivante. E ambas visam criar ou recriar o homem pela palavra, seja através da linguagem onto-poética, seja através da linguagem científica, aplicada a invenções ou em restaurações ou elaborações de fatos e conceitos objetivos. Em tudo a vontade do logos, a criação humana.

Este texto póstumo, cuja apresentação, feita pela sua filha, segue as disposições confessadas de seu autor, desvenda definitivamente os atos de entrecruzar e os estreitamentos estabelecidos pelo filósofo, enquanto assinalam o seu objetivo diante do multidimensionamento cósmico, humano, poético, e seu devotar-se com alegria interior às imagens literárias, distendendo-se entre polos, mesmo porque como filósofo da “epistemologia dialogada” (*Le Rationalisme Appliqué*. 1949, p.17) é um poeta convivente com as “situações limites” e uma “alma que sonha e pensa” (*La Poétique de l' Espace*, 1957. p. 162). Em tudo, uma energia poética e poiética tecendo uma fenomenologia da criação, do ato criativo que busca a compreensão da operabilidade científica, e das possibilizações dos seres, tarefa da filosofia. Um racionalismo pluralista progressivo, um surrealismo do real mais do que o real.

Neste sentido de complementaridade dinâmica e como epistemólogo, visando o conhecimento mais profundo do universo e

atento aos movimentos alternativos e convergentes na ciência, sempre em busca de um conhecimento do real, e sempre reconhecendo que o mesmo permanece inacabado, é que Bachelard estabelece suas primeiras imagens materiais, as quais têm por função interligarem-se entre si, convergentemente, na criação de um mundo imaginado. Este, em seguida, se irradiará sobre todas as coisas. Pode-se ver, assim, constituírem-se progressivamente tanto a imaginação material quanto a imaginação poética. E o mundo do imaginário, imagens materiais e imagens poéticas, dizendo germes ou sementes de uma cosmogênese através de uma filosofia ou poética do não, e de uma antropogênese através de uma poética de um saber-ver sonhador que faz o homem habitar um mundo e ser um habitante de si-mesmo em concentração poética no limiar de uma sublimação absoluta visando seu mais-ser, ou ser humano-mais-que humano, reclama-se de uma filosofia do imaginário, voltada às modalidades e modulações do real.

Dos livros do professor de História e Filosofia das Ciências a uma poética da linguagem, do mesmo modo que a partir de um tempo físico se adentra a um tempo humano e a uma não-temporalidade da sublimação absoluta, através “de uma análise poética, na qual seriam colocadas em ordem todas as aventuras da linguagem, e dado livre curso a todos os meios e forças de expressão,...além do sentido...e acima das oscilações de significante e de significado” (*Fragments*, p. 54-56). A unidade da obra e de seu pensamento aparece na diferenciação rítmica de aspectos, tempos e modos, mesmo porque o humano do homem no seu contínuo ultrapassar-se afirma o seu ser paradoxalmente tendido entre razões, não-razões, trans-razões no exercitar-se de sua vida que se distende na individualidade de seu ser entre e em acordos de organicidade material e biológica, de formalidade conceitual, lógica, e do pensar intelectual reflexivo, e do seu todo humano de razão e mãos, de invenções e de criações, mas também ser operador ou pronunciador de algo invisível que se deixa refletir através da fenomenicidade das coisas captadas ou construídas. Do trabalho inventivo da ciência, do “nada se cria por si mesmo, nada é dado, tudo é construído” (*La Formation de l'Esprit Scientifique*, 1938, p. 14) ao poema filosófico de

Hoelderlin sobre Empédocles, poema que “se concentra na fronteira da vida e da morte, do ser e do nada”, sendo Empédocles “o herói do ser em face ao ser do não-ser” (*Fragments*, 146-147), seu itinerário, das aproximações às verificações, à imaginação material e através das ambivalências e da articulação das imagens, materiais, anímicas, espirituais, foi praticando uma ontopoiética do imaginário até alcançar uma “imagem-ato”, um “ato-imagem” o qual domina tanto a experiência, quanto a razão (Cf. *lb.*, 159, 160).

Em movimentos alternados, marcando complementaridades e harmonia de ritmos temporais pluridimensionais, atento às decisões a serem tomadas pelo homem em um instante, instante descontínuo, denso e complexo instante do ato livre e instaurador de uma novidade que responde a uma exigência do sujeito, e de acordo com sua concepção de que “o tempo é uma realidade aprisionada num instante e suspensa entre dois nadas,” segundo suas próprias palavras em *L'Intuition de l'Instant*. 1932), iniciando seus comentários ao livro de Roupnel, a obra de Gaston Bachelard diz uma unidade de correspondências integrativas da realidade, indicando modalidades e modulações diferentes de seres, tornados possíveis pelo nada ou pelo não-ser, o qual não é senão uma outra dimensão do ser, uma ocultação abissal, possibilizante do ser. Por que falar de solidão do sujeito sonhador e do sujeito que pensa e por que falar do nada? Ceticismo, pessimismo? Não se crê nestas alternativas, pois esses instantes bachelardianos tanto teoricamente quanto praticamente, utilitária e operativamente são tempos de espera que se entretêm na tecedura da liberdade do homem. Nos atos de entrecruzar e nos entrelaçamentos de experiências, razões e não-razões, operados pelo seu imaginário possibilizante - não transcendental das condições de possibilidades de conhecimento, mas do poder do homem de transcender-se e transcender todas as coisas, que o habita como exigência, e da liberdade como legalidade transcendental - uma circularidade integrativa desses movimentos faz-se presente a partir de pontos centrais de seu itinerário de pensador. Ressalte-se o fogo como um destes elementos ou campo de energias. E os *Fragments d' une Poétique du Feu* o retomam em sua multidimensionalidade extensiva e intensiva para a compreensão dos instantes decisórios do homem e uma avaliação ontopoiética do seu corresponder avançando

ou retroagindo à sua exigência de transcendência. Uma ética, portanto, do imaginário. Uma ontologia poética. Uma ontologia ético-poética do homem diante de seu próprio ultrapassar-se ou transcender em correspondência aos instantes que dizem a verticalidade do tempo em profundidade e altura ou em ascensão e descensão ao mais íntimo de seu ser, ou que dizem a horizontalidade do tempo em abrangências acolhedoras das criações ou recriações de seres, do mesmo modo que indicam tempos, espiralado, trabalhado, estável, ou a suspensão do tempo ou sua superação. Confirma-se o que acaba de ser exposto pela retomada de imagens já expostas em obras anteriores e pelo que ele mesmo enuncia: 'O ser da imagem é poemático. Quando comunicada pela Palavra, ela se torna um valor da Palavra. A imagem, que não vejo, envolve-se de palavras, orna-se com palavras, renova-se pela palavra. Todos os laços da imagem com a realidade são amarras que devem ser cortadas de modo deliberado, a fim de se poder entrar no reino do poético (p. 156).

Dos seres com suas ritmias, até à própria combustão dos seres, que indicarão Fênix, Prometeu e Empédocles, nessa Poética do Fogo, através das imagens e além das imagens, não só nelas mesmas, mas combinando-se cada uma com as outras duas?

1. As contradições da vida, a vida e a morte, a beleza e as paixões em situações e circunstâncias diversas, e o renascimento do próprio ser, no "reino poético da linguagem", com Fênix.

2. O ato poético numa poética do humano". O homem criador e plasmador de seres, o homem do saber e do fazer, transcendendo-se pela inteligência que lucidamente sabe criar e pela operabilidade com a qual recria ou reinventa seres. Assim, seu transcender e ascender ao mais-que-humano, dos quais fala Prometeu Demiurgo.

3. Os instantes de decisão e seu dimensionamento cósmico e antropológico, vividos dramaticamente e paradoxalmente em absoluta solidão, inter-relacionando aniquilamento e insignificância da vida, vivida em ruturas e busca de liberdade. É o homem da passagem da vida à morte, do ser ao não-ser, consentindo e lançando-se à morte na aceitação do destino do Espírito, tomando-se etéreo,

tomando-se todas as coisas, pois abrasando-se, abraça-as, vindo a ser, ele mesmo, o que ele é, como com Empédocles.

Delineia-se, assim, o campo de uma ontologia ético-poiética na unidade integrativa da obra de Gaston Bachelard, ao lado de sua ontologia poética.